



6.4. *Tamanho Grande*³², de Jorge Colombo: uma visão “espantada” do país de acolhimento

José António Gomes
(ESE-IP Porto)

Sara Reis da Silva
(IE – Universidade do Minho)

Resumo: Neste ensaio, procede-se à análise da pequena novela *Tamanho Grande*, texto especialmente vocacionado para leitores medianos/autónomos, a partir da dilucidação dos seus mais relevantes eixos ideotemáticos: emigração, adaptação a um novo país, diferenças culturais, alteridade, família, entre outros. O olhar português acerca da cultura americana, recriado por Jorge Colombo, dá conta de traços manifestamente singulares. Aspectos de linguagem e estilo são, igualmente, revistos.

Palavras-chave: adaptação, cultura norteamericana, emigração, fascínio, Jorge Colombo.

32. Lisboa: Dom Quixote, col. Primeiras Histórias, 1992.

Abstract: This essay aims at analyzing the short novel *Tamanho Grande*, text which is specifically suitable for independent readers, from the elucidation of its most relevant ideological and thematic areas: migration, adaptation to a new country, cultural differences, otherness, family, among others. The Portuguese look about American culture, recreated by Jorge Colombo, manifestly reveals its singular traits. Aspects of language and style are also reviewed.

Keywords: adaptation, emigration, fascination, Jorge Colombo, North American culture.

Escrito e ilustrado pelo *designer* e ilustrador Jorge Colombo (Lisboa, 1963), *Tamanho Grande* (1992) é uma curta novela que integra a coleção "Primeiras Histórias", dirigida por Inês Pedrosa e Fernanda Fragateiro, um conjunto de "pequenos livros, escritos e ilustrados por autores portugueses, a pensar nas crianças que começam a gostar de ler a sério", como se regista numa das badanas do volume.

Estruturada em cinco capítulos, a narrativa constrói-se em torno de uma família portuguesa (mãe, pai e filho) que emigra para os Estados Unidos da América. A partida do país é motivada pela possibilidade de "estudar numa universidade dos Estados Unidos" (p. 9). O cenário da ação é, pois, o país mencionado, espaço no qual a família portuguesa faz por se integrar, contando, por exemplo, com vizinhos que se distinguem pela simpatia e hospitalidade.

Observa-se a assimilação relativamente "pacífica" de hábitos e costumes norte-americanos – manteiga de amendoim ao pequeno-almoço, galinha grelhada e milho com manteiga ou pipocas no cinema "em baldes enormes de papel" (p. 27) –, embora tal não signifique que o afastamento físico do seu país ou a distância da família e dos amigos sejam sentidos com leveza:

Sentiam quase que tinham cortado de vez com o seu país. Tinham medo que os amigos os esquecessem; que tanta coisa se passasse na sua ausência que quando

eles voltassem ia tudo parecer como nos filmes em que se adormece e se perde o fio à história (p. 15).

Na realidade, se o pai passou mesmo a viver "como um Americano" (p. 49), a mãe "era diferente. Tentava viver como antes da América" (p. 51). Para o menino, o tempo aí passado "era perfeito, como um filme ou um sonho, ou uma lenda" (p. 52).

A representação literária dos modos de vestir, dos hábitos, da alimentação ou da música, por exemplo, dos habitantes do país de acolhimento dá conta de uma atitude positiva, de uma abertura que não deixa de dar conta da surpresa ou do fascínio face ao novo e ao diferente e que, de certa forma, corresponde ao início de um processo de aculturação. As reações da personagem infantil, o menino, são talvez as que melhor testemunham o que acabámos de referir, como prova o seguinte excerto:

O tio de Marion vivia na Florida e era astronauta. O menino não podia acreditar. Fez a mãe traduzir para Stella todas as perguntas de que se lembrou sobre astronautas a sério. Afinal o tio da Florida nunca tinha ido ao espaço: tinham andado a treiná-lo com mais um grupo de outros, mas de cada vez que lançavam uma nave eram escolhidos uns quantos, e a vez dele nunca veio (...) (pp. 41-42).

O sentido do título concretiza-se logo no parágrafo de abertura, segmento no qual, além de se acentuar a dimensão considerável e surpreendente de um cenário novo, também se identifica o espaço físico no qual decorre a ação, bem como as principais figuras que nela participam.

Ao longo da narrativa, multiplicam-se as referências a elementos do cenário, manifestações culturais ou detalhes sociais que contribuem para a revelação de um/a olhar/visão "de fora" da cultura norte-americana. Trata-se de uma imagem literária, na qual, a partir da articulação da vertente referencial – muito evidente e acentuada – e da vertente ficcional, se dá conta de uma perspectiva particular acerca do país em questão. As descrições distinguem-se pelo forte sensorialismo e/ou por uma incidência visual, decorrente do uso

assíduo de adjetivos, da metáfora e da comparação. Releiam-se, a este propósito, passagens como:

A auto-estrada era como uma pista de corrida, cheia de carros enormes; alguns compridos como um vagão de comboio, de motorista fardado e vidros pretos, para não se ver quem ia dentro; outros todos enferrujados, com plásticos a tapar uma janela zarolha. E camiões gigantes, as luzes todas a brilhar. Ao longe viam-se as torres da cidade, por entre projectores a fazer festas nas nuvens, e muitos aviões no céu ao mesmo tempo (p. 10).

Características da geografia física (e humana, também, como veremos mais adiante) ou aspectos da paisagem e do clima são, de igual modo, recriados num registo marcadamente visualista:

Parecia que iam de barco por um mar que nunca mais acabava, verde da cor da erva. As estradas eram imensas, sempre iguais. (...) Choveu-lhes no caminho. O céu mascarrado de nuvens e a pradaria salpicada de rochedos ficavam simétricos, só que de cores diferentes. De tão filtrada a luz, a estrada molhada tornava-se branca e dissolvia-se no horizonte. (...) A paisagem era só um céu imenso, o maior e o mais azul dos céus do mundo, vaquinhas ao longe e um ou outro celeiro pintado de vermelho (pp. 31-32).

A paisagem social e a sua diversidade multicultural espantam e seduzem, igualmente, a família de emigrantes:

Havia bairros inteiros só com gente doutros países: o bairro coreano, o bairro grego, o bairro mexicano, o bairro polaco. Carros passavam na rua a tocar música alegre das Caraíbas; e as tabuletas das lojas faziam de conta que estavam noutro país. A comida era sempre uma surpresa. O pai gostava de espigas de milho à moda Mexicana, picantes e a escorrer manteiga, espetadas num pauzinho como se fossem sorvete. A mãe preferia crepes do Vietname, delgados como papel, com cogumelos pequeninos. E o menino gostava de comer cachorros quentes, a saber a mostarda e a pimentos picantes com cebola migada e rodela de tomate (p. 22).

As alusões às acentuadas desigualdades e a necessidade de diversificação da atividade profissional (ter duas profissões para que o dinheiro chegue), bem como as referências à forma de vida de um grupo de idosos, entre outras, servem a composição de uma singular imagem social.

O retrato de um país é, assim, construído a partir da visão de uma família de emigrantes cuja condição se diferencia claramente da do emigrante português das décadas de 60/70 do século XX e se distancia dessas muitas partidas dramáticas, dessas tentativas de fuga de uma vida difícil, que haveriam de levar muitos trabalhadores a rumar à França, ao Luxemburgo, à Suíça e à Alemanha – ou seja, à Europa rica e desenvolvida – em busca de melhores condições socioeconómicas. No início da última década do século XX, altura em que é editada, a obra de Jorge Colombo inaugura assim uma nova representação da emigração lusa que dá a ver uma geração de emigrantes diferente das que a antecederam e cujo *background* nacional, nesse início dos anos 90, é já um país na aparência mais moderno, mais qualificado academicamente e mais aberto ao mundo, gerador de novas motivações para a emigração. Um país onde se faziam sentir fortemente os efeitos iniciais do enquadramento na lógica do sistema capitalista vigente nos países da União Europeia, na sequência da integração de Portugal em 1986, e do influxo dos fundos estruturais europeus que haveriam de originar incontáveis ilusões de progresso. Uma sociedade, em suma, na qual as eventuais motivações para a partida, sobretudo por parte das gerações adultas mais jovens, tinham, agora, menos que ver com razões de ordem económica e mais com uma necessidade de especialização no plano académico, realizada num país cientificamente mais evoluído, indissociável de um desejo de conhecer mundo. Além de ainda jovens, os emigrantes do livro de Jorge Colombo representam, por isso, uma pequena-média burguesia urbana e culta, tendencialmente cosmopolita, e já não o trabalhador de origem rural, analfabeto ou pouco escolarizado, com que deparamos em narrativas de Maria Isabel de Mendonça Soares ou de António Mota.

Como foi indiciado, o título temático *Tamanho Grande* sintetiza todo um programa que, além de deixar implícita uma visão do país e do continente de origem e uma imagem do país de acolhimento (o “tamanho grande” norte-americano em contraste com o implícito “tamanho pequeno” português e europeu), antecipa também um

ponto de vista, o da criança protagonista, para quem a dimensão do que observa é especialmente "grande" se comparada com a que os adultos veem.

Trata-se, aliás, de um título que igualmente anuncia a já mencionada visualidade dos elementos descritos no livro (assinale-se, a propósito, que o modo descritivo é mais relevante do que a narração de ações, até porque, em termos diegéticos, o texto se caracteriza por uma relativa elementaridade e linearidade). Traço que não surpreende num artista que, mais do que se apresentar como escritor, se tem afirmado como ilustrador. Daí que seja, também, o autor das imagens que ilustram a novela e que se distinguem pela utilização de diferentes planos e ângulos de visão e ainda por colorações fortes, contrastantes, indiciadoras de atenção às "cores locais", se pensarmos sobretudo no cenário nova-iorquino – composições de mercado bom gosto visual e cuidadoso desenho que evocam quer o universo cinematográfico quer uma certa banda desenhada. No fim de contas, ao confrontar-se com esta ressonância icónica, associada a todo um imaginário cinéfilo, também ao nível da ilustração o leitor é transportado para a América do Norte (pense-se sobretudo no adulto que leia a obra).

O final da narrativa é mais aberto do que fechado, deixando no ar algumas tensões, quase que apenas sugeridas. Se a mãe da personagem infantil começa a experimentar a nostalgia do país natal, rememorando a infância e a juventude, os momentos marcantes de toda uma vida familiar, e tentando agarrar-se ainda ao modo de vida anterior, o pai, por sua vez, mantém uma certa febre da descoberta de um mundo novo e adapta-se de forma crescente à cultura do país de acolhimento (cf. pp. 48-50). Com a sensação de o pouco tempo passado nos Estados Unidos ter sido ora um instante, ora um tempo longo, o menino, por seu lado, prepara-se para o regresso de avião a Portugal, onde continuará a viver com os avós. A derradeira cena do livro, contada de um modo intencionalmente neutro e algo desdramatizado, é a partida para o aeroporto, num dia de Inverno com neve. E a narração suspende-se nesse ponto, evitando, claramente,

apresentar o momento da separação e das despedidas, e deixando apenas implícito esse lance seguramente tenso, doloroso, gerador de insegurança.

Da visão de uma emigração para a Europa rica, determinada pela pobreza no país de origem (nos livros de Maria Isabel de Mendonça Soares, Carlos Correia, António Mota e outros) passamos assim, em Jorge Colombo, para a perspectiva de uma emigração motivada por razões não propriamente económicas mas de qualificação, e que tem na América do Norte o seu ponto de chegada, numa obra que se preocupa em dar a conhecer também um ponto de vista infantil sobre essa marcante experiência cultural e de vida.